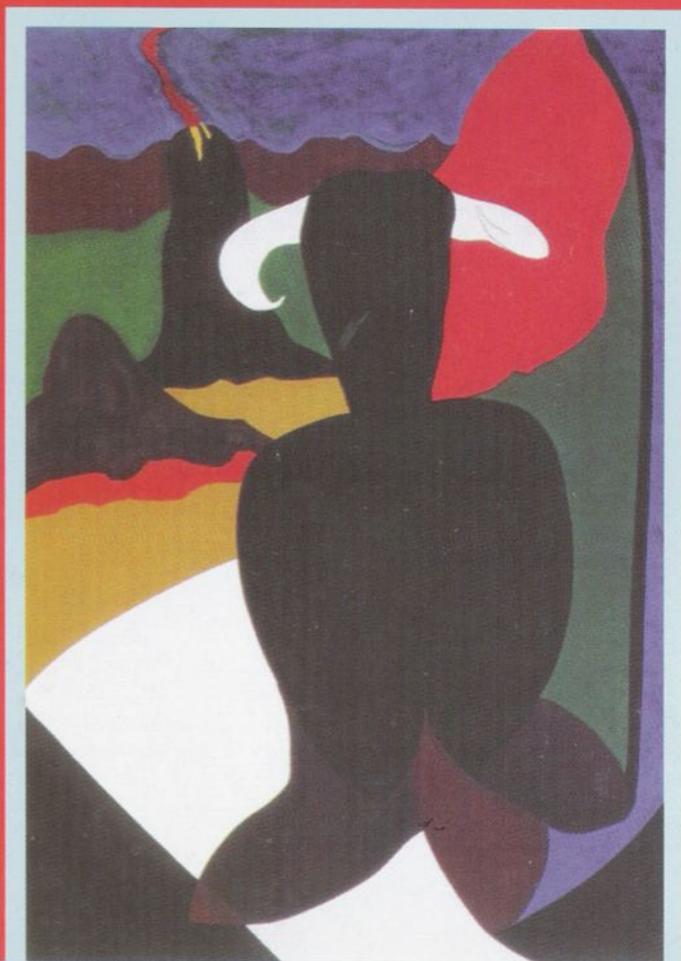


Vozes Universais da Latinidade

Seminário Internacional

Rio de Janeiro, 22 a 24 de março de 2001



ACADEMIA DA LATINIDADE

Programa

22 de março de 2001

10 horas

Introdução

Candido Mendes

Abertura

Vice-Presidente Marco Maciel

Exposições Gerais

- Federico Mayor • Mário Soares
- Carlos Fuentes • Augusto Roa Bastos • Ernesto Sábato

14 horas – Almoço

16 horas

Latinidade – o Universal e o Transcendente:

Cultura e Hermenêutica

Gianni Vattimo

17 horas

As Inserções Históricas Extremas. A Latinidade Romena

Dan Haulica

O Estudo Neolatino no Mundo Contemporâneo

Agustín Buzura

Latinidade e Descolonização – o Caso Romeno

Mircea Martin

Uma Voz Latina – a Fundação Cultural Romena

Ângela Martin

Debate Geral

23 de março de 2001

10 horas

Latinidade e Perspectiva Histórica

Hélio Jaguaribe

Mestiçagem, Crioulização, Latinidade

Edouard Glissant



Programa

Em Busca do Próprio da Latinidade –
Globalização e Nova Barbárie
Candido Mendes

Debate Geral

13 horas – Almoço

14:30 horas

O Questionamento do Universal na Latinidade
• Tarcísio Padilha • Eduardo Portella • Jérôme Bindé
• José Maria Perez Gay • Nélide Piñon • Enrique Larreta

Debate Geral

24 de março de 2001

10 horas

Latinidade e Reflexão Ocidental
Sergio Paulo Rouannet

O Retrato do Universal na Era da Mundialização
Nelson Vallejo-Gomez

Desenvolvimento e Latinidade
Hector Aguilar Camín

Debate Geral

13 horas – Almoço

14:30 horas

A Vocação Científica da Latinidade
François Gros

Latinidade, Persistências e Resistências
Federico Reyes Heróles

Latinidade, Prospectiva e Memória
Francisco Delich

Debate Geral





Na procura do próprio da latinidade, deparamos o risco mais amplo de clamarmos pelo universal, implicando uma representação defensiva do humanismo? Proclamando-nos o reino tranqüilo da pluralidade, selamos um legado *ex post* das culturas mortas ou uma trajetória já helenística diante de novas hegemonias imperiais?

No repto da subjetividade pelo universo mediático, mantemos ainda um cânon da criatividade e da fruição interior? Por outro lado, vamos ou não enfrentar um contraponto crescente entre a afirmação do sujeito comunitário da cultura globalizante – suas Ongs, seus *dissents* – e nossa fidelidade à cidadania, congênita à romanidade clássica, e a nossa fé na presença do Estado para a provisão da liberdade? E até que ponto o império, pela primeira vez, é hegemônico, tanto no controle universal do poder como no rapto da alma? E começa por descartar o conceito da barbárie, força da renovação histórica, como até hoje a conhecemos?

* Ilustração da capa: Nikias Skapinakis, *O Minotauro do Brasil*, 1999.